

## A BENZEDURA COMO OFÍCIO TRADICIONAL NO SEMIÁRIDO PIAUIENSE

Alaine Alves da Silva Luz<sup>1</sup>  
Cláudia Regina Coelho Gomes<sup>2</sup>  
Gelson Pereira de Andrade<sup>3</sup>  
Maria Alvenir Barros Vieira<sup>4</sup>  
Adauto Neto Fonseca Duque<sup>5</sup>

### RESUMO

O objetivo do presente artigo científico é apresentar uma primeira reflexão sobre os saberes e as práticas tradicionais dos rezadores e benzedeiras no semiárido piauiense. Procuramos evidenciar as diferentes formas de aquisição, execução e transmissão desses saberes nos dias atuais, assim como elencar algumas rezas por eles pronunciadas como procedimentos de cura. O trabalho é resultado de uma pesquisa de campo e bibliográfica que teve na entrevista semiestruturada com duas benzedeiras e um rezador de três cidades do semiárido piauiense: Picos, Paulistana e Sussuapara, o principal instrumento de coleta de dados. A análise qualitativa dos dados foi realizada a luz dos pressupostos teóricos de Chartier (1990), Alberti (2004), Sousa (2013), Quintana (1999) e Santos (2009), dentre outros autores, e a partir dela podemos inferir que a memória dessa prática permanece viva no semiárido piauiense até os dias atuais por intermédio dos sujeitos praticantes através do exercício diário do ofício de curar através da reza.

**Palavras-chave:** Benzedura. Semiárido. Piauí. Tradições. Reza

### INTRODUÇÃO

A prática da benzedura como um ofício da cura de doenças físicas e espirituais está presente na sociedade brasileira desde os tempos coloniais. Nesse período, essas práticas foram alvo de perseguição pela igreja católica, sendo criticadas como atos de bruxaria, atualmente elas apresentam uma forte correlação e influência do catolicismo. Desde essa aproximação com a Igreja, a benzedura vem sendo compreendida como práticas de cura de doenças físicas espirituais alcançadas através da fé e abençoadas por Deus.

Conforme entendimento de Sousa (2013), o vínculo construído com a Igreja católica, permitiu que alguns praticantes de benzeduras caracterizassem esse saber não como algo que foi adquirido historicamente, instruído por meio de outras pessoas, mas sim um dom privilegiado que lhes foi dado por Deus. Por conseguinte, o termo curandeirismo foi

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia – Universidade federal do Piauí – UFPI – [alayne\\_silva01@hotmail.com](mailto:alayne_silva01@hotmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica de Pedagogia – Universidade Federal do Piauí – UFPI – [reginnalsclaudia@gmail.com](mailto:reginnalsclaudia@gmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmico de Pedagogia – Universidade Federal do Piauí – UFPI – [gelsonandrade77@gmail.com](mailto:gelsonandrade77@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora em Educação – Professora da Universidade Federal do Piauí – UFPI – [alvenirbarros@bol.com.br](mailto:alvenirbarros@bol.com.br)

<sup>5</sup> Mestre em História Social – Professor na Universidade Estadual do Piauí – UESPI – [duqueadauto@yahoo.com.br](mailto:duqueadauto@yahoo.com.br)

substituído por benzedura e as práticas dos rezadores como um fenômeno respaldados por santos milagreiros.

Sousa (2013) observa, ainda, que por conta desse reconhecimento e de outros fatores de ordem financeira, as pessoas passaram a privilegiar os rezadores deixando de lado até mesmo consultas feitas por um médico formado, afinal, as rezas e ervas se tornaram certeza de cura para aquelas pessoas. Conclui a autora supracitada que a partir dessa perspectiva se expandiu o número de rezadores e benzedeiros no Brasil tanto na zona rural quanto na zona urbana.

Questionamos na pesquisa desenvolvida, como os saberes tradicionais relacionados a arte da cura por exercício da reza sobrevivem nos dias atuais diante do avanço de inúmeras tecnologias que amparam a prática médica científica. Interessamos analisar as atividades de cura das benzedoras e benzedores piauienses, tendo como suporte a pesquisa de campo, com fundamentação qualitativa. No decorrer do trabalho serão abordados alguns fatores como: o contexto histórico da aquisição de seus saberes, a execução do saber tradicional aqui estudado além das formas de transmissão para as gerações mais jovens no contexto de uma sociedade globalizada e cada vez mais amparada pelos recursos da tecnologia.

As narrativas aqui apresentadas foram obtidas através de entrevistas semiestruturadas a partir das técnicas de história oral delineadas por Alberti (2004). Conforme entendimento do autor, a história oral fundamenta-se na realização de entrevistas com sujeitos históricos que presenciaram ou testemunharam acontecimentos ou conjunturas em determinados tempos e contextos. Nessa perspectiva, entrevistar os mestres das benzeduras no semiárido piauiense significa recuperar memórias e resgatar experiências de histórias vividas através do trabalho com o testemunho oral de indivíduos ligados por traços comuns.

As análises elaboradas foram construídas a partir dos pressupostos conceituais delimitados por Chartier (1990, p.23) em torno do termo práticas culturais, por entendermos os ofícios da cura através de rezas como um saber fazer tradicional que articulado à outras práticas (políticas, sociais, discursivas) permite ao sujeito histórico “[...] reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição”.

Como considerações finais nos é possível afirmar que a memória dessa prática permanece no semiárido piauiense até os dias atuais por intermédio dos sujeitos praticantes desse saber, pautada pelos acontecimentos históricos que possuem nos seus determinados ofícios. Cada geração possui sua própria identidade, caracterizada não só pela forma dos seus conhecimentos ou práticas da arte da cura através das rezas, mas também pelos fatores que

impediam tal prática. Em contrapartida observamos também as semelhanças e dessemelhança desses sujeitos, suas práticas, ofícios e reconstrução dos seus saberes. Fatores esses que contribuem para a permanência de um valioso saber oral e caracterizado como ato de amor ou dom instituído por Deus.

## **METODOLOGIA**

O trabalho de investigação por nós realizado, se caracteriza como uma pesquisa Histórico Cultural em seus entrelaçamentos interdisciplinares com a História da Educação, podendo ser classificada como do tipo descritiva com abordagem qualitativa das fontes de informação. Adotamos como recorte espacial da investigação parte do território brasileiro conhecido como a região centro sul do Piauí – semiárido piauiense.

As localidades envolvidas na pesquisa – Picos, Paulistana e Sussuapara – assim como os sujeitos partícipes, foram selecionados a partir indicações aleatórias, ou seja, a uma *amostragem teórica* (FLICK, 2009) considerando que em um primeiro momento não foi possível conhecer, de fato, a localização dos espaços e nem a extensão dos sujeitos que poderiam ser envolvidos na pesquisa. Por conseguinte, a seleção aconteceu por contatos prévios com algumas secretarias municipais de cultura, com os sindicatos de trabalhadores rurais, com os movimentos eclesiais de base, com os sindicatos de professores, entre outras organizações de movimentos sociais, que realizam trabalhos de caráter artístico e cultural com crianças e jovens no semiárido piauiense.

Para a tessitura do texto, selecionamos somente as narrativas de 3 (três) benzedores tradicionais sendo 2 (duas) bezendeiras e 1 (um) rezador, moradores de três cidades do semiárido piauiense: Picos, Paulistana e Sussuapara. O roteiro das entrevistas semiestruturadas que realizamos com eles foram cuidadosamente estruturado em 4 (quatro) eixos: 1) trajetória de vida dos mestres; 2) saberes e práticas tradicionais do seu domínio; 3) formas de aprendizagem; c) formas de ensinamento e aprendizes. Conforme autorização dos entrevistados por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), as entrevistas puderam ser gravadas e/ou filmadas, além de fotografadas.

A análise dos dados percorreu 3 (três) etapas: pré-análise do roteiro e as respostas, exploração do material obtido e tratamento dos resultados com inferências e interpretações à luz da literatura teórico-metodológica selecionada.

## **DESENVOLVIMENTO**

Para saber como se dá a construção das identidades culturais de benzedeiros e benzedoras é necessário compreender o significado da palavra e do ato de benzer no Brasil. Segundo levantamento realizado por Melo (2017, p. 6) benzer consiste no ato de dar a bênção, é “[...] o ato de benzer inicia-se com a benzedora fazendo o sinal da cruz em gestos compassados e em seguida realizando as orações junto ao doente”. Para Quintana (1999), a benzedura pode ser qualificada como um exercício principalmente terapêutico, realizada pela ligação entre aquele que precisa ser benzido e aquele que benze, sendo que este desempenha um papel de intermediador entre o santificado e o humano visando a restauração e uma boa disposição por meio de algum tipo de prece.

A pessoa que pratica a benzedura possui conhecimentos formais e informais sobre essas práticas, que na maioria das vezes, são transmitidos pela tradição oral. De acordo com Santos (2009), geralmente são pessoas do sexo feminino que consomem as benzeduras, acionando conhecimentos do catolicismo como súplicas e rezas em prol de recuperar o equilíbrio psicofisiológico dos indivíduos que procuram sua ajuda. Para benzer podem ser utilizados diversos elementos como ramos verdes, linha e pano, gesticulando com a mão direita o sinal da cruz, diversas rezas, entre outros. Muitas vezes, não é necessário que o cliente esteja presente, como a intenção é afastar os males de pessoas, animais ou objetos, portanto basta alguém dizer o seu nome e o endereço.

Em alguns lugares, as praticantes de rezas são chamadas de curandeiras, em outros de rezadeiras e noutros de benzedoras. Neste trabalho, optou-se pelo uso dessa última nomenclatura por ser a mais utilizada pelos habitantes do semiárido piauiense. As mulheres benzedoras e os homens benzedores estão presentes diversos lugares do Brasil, porém, é na região Nordeste que atuam com maior recorrência. Ao definir os sujeitos que exercem o ofício de benzer, Cascudo (2001, p.587), assim descreve: “Mulher, geralmente idosa, quem tem ‘poderes de cura’ por meio de benzimento”.

Oliveira (1985) também apresenta as mulheres as principais praticantes da benzedura: Geralmente é a de que seja uma mulher casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria. E essa imagem corresponde àquilo que é a benzedora. Ela é tudo isso e um pouco mais. Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular (OLIVEIRA, 1985, p.25).

No que tange a filiação religiosa das benzedoras no Brasil, Santos (2007), observa que, geralmente, elas são consideradas católicas por apresentarem em suas bênções, alguns

elementos referentes ao catolicismo. Todavia, no Rio Grande do Norte foram localizadas algumas benzedeadas “evangélicas” e outra seguidora do “culto da jurema”. Sendo assim, não é correto afirmar que as benzeduras são práticas dos adeptos ao catolicismo, pois existem benzedoras e benzedores com diferentes crenças e religiões, que benzem de formas distintas com o intuito de curar as enfermidades psicológicas ou físicas daquele que está necessitando.

A prática desses conhecimentos, foram induzidos do campo para a cidade tanto por homens quanto por mulheres, essas são características que se diferenciam conforme a cultura local e a necessidade de cada população. É sobre a prática cultural no semiárido piauiense, que trataremos a seguir.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente os saberes tradicionais de benzer para curar as pessoas estão presentes principalmente no sertão nordestino. No Piauí, os ritos das benzeduras encontram-se presentes, principalmente, nas cidades com poucos habitantes. Essas pessoas são reconhecidas na comunidade onde habitam como seres experientes, de conhecimento inestimável e são respeitados por todos da região.

Especificamente no semiárido piauiense, a prática de benzer ainda permanece como um saber tradicionalmente reconhecido por muitos como nas cidades de Sussuapara, Paulistana e Picos. Nessas cidades foram encontradas duas benzedeadas e um benzedeador que praticam esse saber desde a sua infância. Conforme seus depoimentos, percebemos a valorização das pessoas com a sua prática e a procura constante pelas suas orações de cura. As rezas são praticadas em suas casas onde se utiliza apenas de plantas medicinais como: pião roxo, quebra pedra, dentre outros. Em alguns casos se utiliza apenas as palavras que são pronunciadas de forma rápida e acompanhadas de fé. Essas similitudes e diferenças nos foram relatadas em algumas minúcias que aqui apresentaremos através das narrativas dos mestres em rezas para curar Maria Antônia dos Anjos Filha, Raimundo Nonato Pereira e Nazaré Lima de Sousa

### *Tempo de aprender a rezar*

Maria Antônia dos Anjos Filha, também conhecida como Dona Lurdinha, é natural da cidade de Sussuapara-PI, cidade pequena do semiárido piauiense com cerca de 6.000 (seis mil) habitantes. Filha de lavradores, Dona Lurdinha afirma que sempre seguiu a profissão dos pais, estudou apenas dois meses, pois não havia escolas na época de sua infância. Ela casou-se

e teve três filhos. Durante a entrevista ela revela boa parte de sua infância, relatando as dificuldades encontradas na maioria das famílias que moravam na pequena cidade que naquela época era considerada município da cidade Picos.

Como de costume, as crianças daquela região gostavam de brincadeiras de roda. Mas a tradição considerada predominante entre as meninas era aprender a rezar com as mulheres mais velhas. A sua infância foi marcada por muita diversão, o ato de aprender a rezar era uma diversão extra após as brincadeiras de roda. Segundo ela: “As brincadeiras de minha infância era aprender a reza. Depois que nó rezava um bocado, aí era história de Trancoso que a mulher ensinava pra nós, quando acabava nós ia brinca de roda”. (ANJOS FILHA, 2018, p.02).

Como tradição da época, as meninas não trabalhavam [na roça] por serem muito novas e também não poderiam estudar por falta de escolas. Sua escolarização não aconteceu pela falta de condições dos pais em contratar um mestre-escola para todos os filhos. Apenas seu irmão aprendeu a ler e escrever, com um professor chamado Luiz Bilizaro. Com isso a preocupação das meninas era apenas aprender a rezar e as rezas de cura Anjos Filha (2018) diz ter aprendido aos 10 (dez) anos de idade com sua avó, Dona Rosalina, e uma vizinha, Dona Antônia. Essas mulheres se dedicavam um mês para ensinar cada menina a rezar, como também faziam reuniões nos terreiros das casas com todas as meninas. Ela relata que as mulheres mais velhas tinham bastante preocupação em repassar o saber tradicional das rezas para as meninas, para que a tradição fosse mantida até os dias atuais. Isso também ocorre devido à crença que as pessoas tinham da cura através das rezas e benzeduras.

Assim como Anjos Filha (2018) o mestre de reza Pereira (2018) foi educado nos saberes das rezas, distante dos bancos escolares. Raimundo Nonato Pereira nascido em 23 de fevereiro de 1923, nascido e criado em Barra, localidade pertencente à cidade de Paulistana-PI, é um rezador conhecido por toda a região e macrorregião. Seu Nonato da Barra, como é assim chamado por todos, é lavrador e casado com dona Maria há 60 anos, com quem teve dez filhos.

Ao falarmos da sua infância e quais as brincadeiras que o mesmo praticava, ele mostra em poucas palavras o quanto seus pais eram autoritários:

[...] nunca fui de brincadeira não toda vida fui sempre uma pessoa que foi furando brincadeira, fui criado pelo trabalho de campo, de roça, de tudo. Meus pais era muito carrasco, queria era que a gente trabalhasse e andasse direitinho pra num ter nenhuma confusão. (PEREIRA, 2018, 01).

Afirma, ainda, não ter sido escolarizado em nenhuma etapa da sua vida, mas ressalva a importância dos saberes aprendidos em suas experiências cotidianas. Em suas palavras “ [...] toda coisa que a gente faz a gente pega estudo, não tenho memória, mas meu estudo é pouco né, mas achei boa gente que me ensinasse boas obra aprendi quase sem fazer o estudo [...]”, (PEREIRA, 2018, p 01).

Entre os aprendizados adquiridos no transcurso das suas vivências, Pereira (2018) coloca em destaque o seu interesse por aprender a rezar, revelando que a busca por esse saber tradicional foi uma iniciativa dele:

Ah num foi gente conhecido daqui não, por onde eu andava eu procurava, ai eu procurava boas obra e dava um agradinho ai a memória era boa e eu aprendia. Eu procurava ai a pessoa dizia: você é um homi inteligente e você tem um dão [...] se você tiver um dão de rezar em gente não carece de você esguitar, deixa está que Deus chega o dom de você achar uma pessoa e indicar toda oração do você rezar em gente. Você acha um veinho ou uma veinha que diz: ‘ô minha fia eu vou te ensinar’. Você vai dando um cruzado de fumo a ela, um tiquinho de açúcar pá tomar uma chirca de café, ai vai aprendendo, num é hoje que só quer é dinheiro não, naqueles tempo haver das coisas era mais fácil. (PEREIRA, 2018, p. 04).

Através de itinerário semelhante, aprendeu a rezar Nazaré Lima de Sousa. Nascida em uma cidadezinha do semiárido piauiense, Santana-PI, onde viveu até seus vinte anos de idade, em uma família com 10 (dez) pessoas. Sousa (2018), teve 7 (sete) irmãos, passou sua infância ajudando seus pais na lida de casa e debulhando feijão para ser vendido na feira. Nas poucas horas vagas, costuma brincar de professora, comidinha e fabricar panelinhas de barro.

Quando mocinha, passou a frequentar uma escola que funcionava ao lado da paróquia e tinha como professor o coroinha da Igreja. Sua escolarização durou cerca de 3 (três) a 4 (quatro) anos, sendo interrompida pela decisão do pai em partir da cidade com a família intencionando melhorar as condições de sobrevivência. Conforme depoimento de Sousa (2018), somente aos 40 (quarenta) anos de idade aprendeu a rezar através de uma senhora que morava próximo de sua casa, o interesse em aprender essa prática partiu dela própria, só vendo a senhora rezar nas outras pessoas.

O perfil socioeconômico revelado por nossos entrevistados, confirmam as afirmações de Sousa e Cardoso (2016) quando descreve que a maioria absoluta dos praticantes do ofício de rezador possuem baixo poder aquisitivo e pouca ou nenhuma escolaridade. Confirma-se, também, através das entrevistas que o exercício desse ofício é geralmente praticado por mulheres, que construíram esse saber ao longo na sua vida por meio das mulheres mais velhas da região ou da família. Os homens desse ofício mais conhecidos como

rezadores/benzedeiros, carregam seu histórico com base nos conhecimentos absorvidos pela fé, diferentemente das mulheres que se envolviam a aprender com as avós ou vizinhas.

#### *A pratica da reza de cura*

De acordo com as entrevistas realizadas durante o desenvolvimento desse trabalho, percebemos que a prática de benzer as pessoas tem a finalidade de curar malefícios à saúde humana sejam eles corporal e\ou espiritual. Comumente, as práticas da reza ocorrem no âmbito domiciliar do rezador, como revela Pereira (2018) as pessoas, quando doentes, procuram por ele espontaneamente, não existe divulgação, propaganda. Todavia, Anjos Filha (2018) afirma ter praticado a reza de cura até mesmo para hospitais a convite dos familiares dos doentes.

No exercício do ofício rezavam para a cura de vários malefícios como: dor de cabeça, cobreiro (uma doença que cria uma cinta vermelha na barriga), dor de garganta com campainha caída, quebrante, dirmintidura e vento caído, principalmente. O ritual da cura envolve o uso de três galhos pequenos de algumas plantas específicas a exemplo do pião roxo, arruda, mussambê, quebra pedra, no final de cada oração a galho da planta deve ser jogado fora. Sousa (2018) ressalva que seguindo a tradição do que lhe foi ensinado as rezas de cura só podem ser realizadas até às 18:00 horas sob o risco de não funcionarem.

Segundo Anjos Filha (2018), as rezas mais solicitadas pelas pessoas que a procuram são aquela destinadas a curar quebrante, dor de cabeça e dirmintidura:

Reza para curar quebrante  
Quebrante te botaram.  
Com três tiraria.  
Os três que te botou.  
Com três tiraria.  
Com a graça de Deus,  
E da virgem Maria. (recitar 3 vezes)

Logo em seguida, reza um pai nosso, uma ave Maria e santa Maria e oferece a nosso senhor Jesus Cristo.

a) Reza para curar a dor na cabeça

Sol brilhante que no céu foi criado.  
Lua, sol e sereno.  
Sai da cabeça de (diz o nome da pessoa)  
Para não fazer morada. (recitar 3 vezes)

Reza um pai nosso, ave Maria e Santa Maria e oferece a nosso senhor Jesus Cristo.

b) Reza para dirmintidura

Carne quebrada.  
Osso rendido.  
Dirmintidura, triadura.



Assim eu cozo para São Furtuoso (recitar 3 vezes).

Reza um pai nosso, ave Maria e Santa Maria e oferece a nosso senhor Jesus Cristo.

Observamos que os benzedores do semiárido piauiense costumam acreditar mais em curas com remédios caseiros feitos com ervas ou rezas de que em medicamentos industrializados e vendidos em farmácias por essa razão, sempre que alguém procura por suas orações além das rezas eles costumam fazer indicações de remédios caseiros, denominados de chás e garrafadas. Segundo Boing e Stancik (2013), essa prática de receitar infusões de ervas nos possibilita constatar que os rezadores possuem um certo conhecimento sobre as plantas medicinais, procedimentos de cura e saberes religiosos.

#### *A socialização dos saberes tradicionais da reza*

A prática cultural de rezar para curar algumas doenças não se apresenta como um conhecimento fácil de ser transmitido nos tempos atuais. Seja pela mudança nas tradições das famílias dos rezadores, seja pelos efeitos de uma sociedade tecnológica onde o acesso à internet permite a “consulta médica” a qualquer momento, ou, seja pela crença dos rezadores de que quanto mais os saberes de cura são repassados, mais eles vão perdendo a força, o fato é que poucos são os rezadores ainda conhecidos nas cidades do semiárido onde realizamos a pesquisa.

Apesar de não seguir o costume de repassar as rezas para as jovens da família, Anjos Filha (2018, p. 05) permanece crente no poder do seu ofício de rezadora: “Eu acho assim, que toda uma vida a pessoa precisa de dôtô (médico), se num deu jeito, só da a reza. Abaixo de Deus é a reza. Aí tem que continua a reza. Eu digo que num vai acaba nunca, todo mundo tem fé em reza”.

Já para Pereira (2018), a reza de cura não é um conhecimento secular que possa ser ensinado ou aprendido por qualquer pessoa, é um dom. Deus é quem toca na pessoa para que identifique o dom do outro e indique as obras para a sua aprendizagem. Para ele não adianta procurar a reza se você não tem fé. Seus saberes não são repassados para nenhum de seus filhos ou para qualquer outra pessoa, pois segundo ele isso pode deixar a sua reza fraca. Movido pela fé ele apenas dispõe de um dom atribuído a ele por Deus. No seu parecer “Cada qual que aprendeu fica com si, nem os filhos a gente pode ensinar, porque se ensinar atrasa o rezador”. (PEREIRA, 2018, p. 03).

A exemplo dos outros rezadores entrevistados, Sousa (2018) não transmite os saberes tradicionais da reza de cura. Ressalva que o interesse tem que partir das próprias e que essa prática se adquire através de muita dedicação e, acima de tudo, fé. Mas reconhece que se tiver que ensinar a alguma menina o ofício de rezar para curar, repetiria os procedimentos através

dos quais aprendeu: observa os rezadores, anotar a reza, ler, memorizar e aprender. Depois é só praticar, começando por malefícios pequenos como mal olhado, até chegar em problemas mais complexos como o cobreiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como noutras partes do Brasil, as práticas tradicionais de cura através de rezas no semiárido piauiense surgiram a partir de uma miscigenação cultural de diferentes povos e saberes. Trata-se de uma tradição que, guardadas as alterações promovidas pelo tempo, permanece nas sociedades contemporâneas o reconhecimento da sua utilidade e significado.

No semiárido piauiense, a importância adquirida pelos rezadores por aqueles que acreditam na cura através das palavras de fé ou ervas é satisfatória para esses benzedeiros. Para eles essas práticas devem permanecer no mundo por toda a vida, eles acreditam que são necessárias assim como os médicos para a sociedade.

Nota-se que os conhecimentos sobre as benzeduras, são transmitidos de geração em geração. Embora não exista uma intencionalidade dos mestres benzedeiros em formar um grupo de aprendizes. Considerada um dom dado por Deus, o candidato a aprendiz deve sentir o chamado da fé e procurar o conhecimento da reza por conta própria. Talvez, por essa razão, o número de rezadores nunca seja o destaque dessa prática.

Observamos por fim, que permanece uma forte religiosidade e fé presente em todas as práticas de benzeduras. Destacando-se, sobremaneira, a conexão dos rezadores com o catolicismo.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. Manual de história oral.. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2004 (a). v. 1.
- ANJOS FILHA, Maria Antônia dos. **Maria Antônia dos Anjos Filha**: depoimento [mai. 2018]. Entrevistadora: Alaine Alves da Silva Luz. Picos (PI): Universidade Federal do Piauí, 2018. Gravação digital em celular. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Sujeitos, saberes e práticas educativas\UFPI\Picos.
- BOING, Lúcio; STANCIK, Marco Antônio. **Benzedeiros e benzimentos: práticas e representações no município de Ivaiporã/PR (1990-2011)**. Ateliê de História UEPG, 1(1): 85-96, 2013.
- CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e Medicina no Brasil Colonial. Tempo, Rio de Janeiro, nº 19, pp. 61-75. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tem/v10n19/v10n19a05.pdf> >. Acesso em 10 out. 2018.

- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CALHEIROS, Karla Rachel Jarsen de Melo. **A CURA ATRAVÉS DA FÉ: Um olhar sobre as benzedeadas/rezadeiras alagoanas**. Belo Horizonte/MG, 2017. Disponível em: <<https://even3.azureedge.net/anais>>. Acesso em: 8 set. 2019.
- COSTA, Jakline; CARDOSO, Karoline. Povos indígenas no Brasil: rituais da cura entre os indígenas do Brasil no século XVII. [S.l.]. 2016. Disponível em: <<http://povosindigenasdobrasil.blogspot.com/2016/07/rituais-da-cura-entre-os-indigenas-do.html?m=1>> Acesso em: 10 out. 2018.
- NASCIMENTO, Danielle Gomes do; AYALA, Maria Ignez Novais. **As práticas orais das rezadeiras: um patrimônio imaterial presente na vida dos Itabaianenses**. ISSN 1981-4526.PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre. vol. 09, n. 01. 2013.
- OLIVEIRA, E. R. de. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.
- PEREIRA, Raimundo Nonato. **Raimundo Nonato Pereira: depoimento** [mai. 2018]. Entrevistadora: Cláudia Regina Coelho Gomes. Picos (PI): Universidade Federal do Piauí, 2018. Gravação digital em celular. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Sujeitos, saberes e práticas educativas\UFPI\Picos.
- QUINTANA, A. M. (1999). **A ciência de benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru, SP: Edusc.
- SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar**. Revista CPC, São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio 2009/out. 2009.
- SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta**. 197f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.
- SILVA, Giselda Shirley da. **A arte de benzer e uso das plantas medicinais: práticas e representações orais de benzedeadas e rezadores acerca do saber fazer em João Pinheiro (MG)**. Campinas, 2013.
- SOUSA, Nazaré Lima de. **Nazaré Lima de Sousa: depoimento** [mai. 2018]. Entrevistador: Gelson Andrade. Picos (PI): Universidade Federal do Piauí, 2018. Gravação digital em celular. Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Sujeitos, saberes e práticas educativas\UFPI\Picos.
- SOUSA, Ronald Felipe Barreto. **Pra curar tem que ter fé: Benzedeadas e rezadores-memórias de indivíduos numa perspectiva histórica**. Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2013.
- STANCIK, M.A. **Medicina e Saúde no Brasil: dos pajés e físicos aos homens de ciência do século XX**. Esboços. Vol.16, Nº 21, p. 111-136, 2009.
- VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. **As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677 - 1808)**. França: [s.n.], 2012. 179 f. Disponível em: <[https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/dissertacao-final\\_ana-carolina-viotti.pdf&ved=2ahUKEwjCsJuDhJPeAhVMIPAKHRkwDZ8QFjAAegQIABAB&usq=AOvVaw0Imy1FjbQJA41Z21fIYmsF](https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/dissertacao-final_ana-carolina-viotti.pdf&ved=2ahUKEwjCsJuDhJPeAhVMIPAKHRkwDZ8QFjAAegQIABAB&usq=AOvVaw0Imy1FjbQJA41Z21fIYmsF)> Acesso em: 10 out. 2018.